

Regis Torquato Tavares



**Catando
Histórias**
três perfis humanizados

Regis Torquato Tavares



Catando
Histórias
três perfis humanizados

índice

“O livro-reportagem, enquanto produto de comunicação de massa, só consegue atrair na medida em que propõe ao leitor uma viagem aos valores, às realidades de outros seres e de outras circunstâncias, de modo que encontre, naqueles, traços que são universais à humanidade enquanto espécie. Isto é, o livro-reportagem sugere que o indivíduo se estenda, percebendo desdobramentos de aspectos do seu universo particular transmutados no universo coletivo. É também uma proposta de autodescoberta do Eu naquilo que tem de porção coletiva do Nós.”

(Edvaldo Pereira Lima)

Este livro-reportagem, de autoria de Regis Torquato de Araújo Tavares, é produto do projeto experimental em produção jornalística do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, sob a feliz orientação do professor Ronaldo Salgado.

prólogo **7**

perfil 1

Carlos Alberto

A FUGA DO CATADOR EQUILIBRISTA 10

perfil 2

Marcos Antônio da Silva Santos

& Rosa Cristina Dias da Silva

A VIDA TODA NUM CARRINHO 26

perfil 3

Maria de Fátima Albuquerque

UMA CASA, UM GALPÃO, O UNIVERSO 40

prólogo

“Os perfis cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor.”

(Sergio Vilas Boas)

As palavras de Vilas Boas, em *Perfis: e como escrevê-los*, não se limitam a servir de epígrafe. Não apenas. A busca por essa empatia determina a existência deste projeto experimental: é por ela que tudo o que se segue foi escrito. A justificativa primeira para a feitura de um livro-reportagem nos moldes aqui pretendidos parte justamente da necessidade de imersão na experiência sensorial do outro, da preocupação com perspectivas alheias ao nosso entendimento.

No caso de *Catando Histórias*, esse outro é um catador de material reciclável. É o trabalhador que caminha sob sol e chuva, atento ao chão, às calçadas, mas nunca com olhar cabisbaixo. O semblante não é de desafiado, mas de desafiador, e a urbes é o oponente maior: a cidade que garante sustento e abri-

go é a mesma que maltrata, exclui, rejeita.

Importante avisar que o leitor não vai aqui se deparar com o amontoado de dados, fontes e estatísticas com que estamos habituados a ler nos jornais diários. O motivo das apurações, dos diálogos e das impressões é sempre o de conhecer a história de um ser humano. É a justa relação humana que está ressaltada no texto. Também não conheci Carlos, Marcos, Rosa e Maria de Fátima — os perfilados — apenas como repórter. Antes do espírito aventureiro de sair pelas madrugadas do Centro de Fortaleza, antes de solicitar entrevistas, antes mesmo de me apresentar como repórter, eu era apenas mais um entre todos eles, um outro ser humano ávido por conhecer novas pessoas, aprender

O foco narrativo em primeira pessoa e a reprodução de diálogos não são simplesmente caprichos do jornalismo literário e humanizado que procurei atingir. Essas características não surgiram do momento da escrita, da técnica criativa. A primeira pessoa, o *eu* enquanto *mais um*, esteve presente muito antes: nas inúmeras visitas que fiz ao depósito onde Carlos trabalhava, nas longas conversas que tive com Marcos e Rosa na calçada onde dormem, no sentar de cadeira da sala de Maria de Fátima.

Dos momentos de observação participante — muitos e intensos — surgiram as inquietações que motivaram os perfis. Trabalhei junto dos catadores separando materiais, puxando carrinhos e catando nas calçadas. Nas ruas ou nos depósitos de reciclagem, conversei com todos os catadores que pude. Chegava devagarinho, contava do projeto do livro e já me oferecia para ajudar. Os retornos foram bastante variados. Alguns poucos ignoraram, outros aceitaram com prazer, a maioria me considerou meio maluco.

Conheci os quatro perfilados na ordem em que aparecem no livro. Convivi com Carlos no mês de

dezembro de 2011, com Marcos e Rosa nos meses de abril e maio de 2012, e com Maria de Fátima nos meses de junho e julho de 2012.

Ressalto que, nos intervalos entre cada um deles, surgiram outros catadores e outros quase-perfis, que não se concretizaram por motivos vários — dificuldade na apuração, falta de segurança, falta de confiança, perda de contato. Mesmo os três perfis aqui presentes correram riscos, em algum momento do itinerário, de não existirem.

Depois de tudo escrito, lido e relido, o que fica são as lembranças das aventuras nas apurações, das conversas banais transformadas em jornalismo, das madrugadas temidas e bem vividas.

Quanto aos personagens envolvidos, fica a experiência de ter entrevistado uma pessoa tão introspectiva quanto Carlos Alberto, que vive dramas internos muito particulares; fica a perplexidade de conhecer pessoas como Marcos e Rosa, que não ligam para a quantidade ou acúmulo de dinheiro, que só se interessam em viver alimentados e banhados, nada mais; fica o exemplo de superação de Maria de Fátima, mulher que sabe muito bem o que faz e o que ainda pode fazer. •

CONTEXTO

A preocupação com o meio ambiente vem tomando nosso cotidiano e já é parte integrante das discussões políticas mundiais. Diante de tantos obstáculos globais, um problema tão próximo da população como o uso indevido de resíduos sólidos, o que podemos sanar com maior consciência e sucesso, é, por vezes, colocado de lado ou mesmo ignorado.

Na sociedade de consumo desenfreado em que vivemos, onde o supérfluo é cada vez mais transitório, mais facilmente substituível, a produção de lixo atinge escalas excessivas, de difícil solução haja vista a incapacidade do poder público de orientar a população na ideal destinação dos resíduos.

Em todo o processamento de resíduos sólidos, nós, os consumidores, somos os primeiros atores, mas são os catadores os personagens principais. É das mãos deles que a maior parte dos materiais reaproveitáveis chega às indústrias de reciclagem. O catador se tornou o elo principal entre os consumidores produtores de lixo e os transformadores desse mesmo lixo.

O trabalho de catação é o pri-

meiro de uma gigantesca rede de comércio de recicláveis, que também envolve proprietários de pequenos galpões, empresas e indústrias do ramo. O material coletado nessa rede volta, então, ao processo inicial de sua produção, podendo ser reaproveitado na composição de novos materiais.

Mas a julgar pela importância empregada no exercício de recolher, selecionar e estocar materiais recicláveis, os catadores são pouco valorizados para tanto. São trabalhadores explorados pelo sistema mercantil e poder público, que se beneficiam do serviço, mas pouco o valorizam, pouco agem para que as condições de trabalho informal e insalubre dos catadores sejam melhoradas.

Mas quem são os catadores? Quem são esses agentes ambientais? Que classe de trabalhadores é essa que, embora exerça papel de grande relevância social e ambiental, é alvo de discriminações e preconceitos? O que pensa o catador do seu trabalho? Que perspectivas ele tem da vida? Qual é a sua história?

Trabalhando no depósito ou na rua, participando de movimentos organizados ou não, os catadores têm muita história para contar. Nas próximas páginas, seguirem três dessas histórias. •



A FUGA DO CATADOR EQUILIBRISTA

— Tu quer ajudar a gente, é, chapa? Pois pega essa gamela aqui mais eu.

— Na hora — confirmo sem reluta, na intenção de ajudar.

Quem faz o convite é Carlos Alberto. E só entendi, segundos depois, porque aquele rapaz baixinho usava um amontoado de plástico-bolha entre a cabeça e o boné.

— Me ajuda a levantar a gamela.

A gamela é uma espécie de bacia improvisada a partir dos restos do que já foi uma geladeira. É a armação interna que sustenta o forro do eletrodoméstico. Dentro dela, imensuráveis quilos de ferro: peças de carro, fogão, cadeira e até pedaços de caixa eletrônico. Seguro com toda força a tal gamela e, quando pergunto para onde

levamos tamanho peso, a resposta quase me custa os pés cobertos de ferro-velho.

— Tu tem que levantar mais alto pra eu poder colocar aqui na cabeça, chapa.

Recomponho, então, a motriz dos braços e ergo a gamela com a força que posso. Carlos apoia o peso na cabeça acolchoada e, com certo gingado e jogo de braço, ainda consegue adequar o corpo à parte central do fundo da gamela a fim de encontrar um equilíbrio seguro. Como se já não bastasse, o caminho das gamelas flutuantes é tortuoso, e o destino tão quanto. Depois de caminhar alguns metros desviando de balanças, gente e sacos gigantes, Carlos sobe a rampa de acesso ao caminhão do depósito. Feito um artista de circo,

Carlos Alberto

NOTA: No intuito de preservar o perfilado, optou-se por manter seu verdadeiro nome em sigilo, fazendo-se uso de nome fictício. Pelo mesmo motivo, as fotografias das páginas 10 e 24 foram editadas.

12 perpassa tranquilamente a tábua envergada pela habilidade de um catador equilibrista.

Com o passar das repetidas cenas, as mãos já não doíam tanto, embora ficassem marcadas pela pressão da gamela.

— A gente se acostuma fazendo isso aqui todo dia — diz Carlos, tentando explicar que eu passaria a conviver com aquilo normalmente.

— Tu não tá vendo que aqui só tem doido, não? — diz um, já sorrindo.

— Só doido pra aguentar um trabalho desse aqui — outro concorda.

— Ou é porque é doido ou é porque não tem outra opção de vida — completa Carlos, que, já percebo dali, não simplifica as respostas. Trata-se de um catador diferente.

No depósito, não é difícil se deparar com **ratos e baratas** em livre circulação.

Conheci Carlos Alberto e outros catadores num depósito de reciclagem do Centro de Fortaleza. É comum nessa região da cidade encontrar catadores que moram nas

ruas. Carlos era um deles até conseguir alugar uma quitinete para dormir e guardar os pertences, o que se restringe a algumas peças de roupa.

— Opa. O Carlos tá aí? — já pergunto por ele assim que chego na manhã do dia seguinte.

— Carlos? Como é que ele é? — indagou — para mim, estranhamente — um dos catadores trabalhando no depósito.

— Aquele que tava trabalhando com a gente ontem, carregando as gamelas — expliquei.

— Ah, o Cairu. Ele tá ali separando o papel — ninguém conhecia Carlos nenhum por ali.

Lá vem o Cairu — herança do tio, que é chamado assim e é conhecido por ter um grande depósito de reciclagem. Num soco só, o cumprimento é executado a punho fechado. O aperto de mão convencional é evitado porque Carlos não quer que eu suje as mãos. Quem trabalha com material reciclável, principalmente quando a coleta é feita nas calçadas, junto com o lixo

doméstico, tem de superar a falta de higiene. O material armazenado nos depósitos é reaproveitável, mas isso não significa que esteja pronto para o reuso, e muito me-

nos que esteja limpo. Pelo contrário, é tanta sujeira junta que tanto os pés quanto as mãos se encardem num preto tão fétido quanto impregnante, difícil de largar considerando que não há sabão nem água limpa para lavar as mãos.

No depósito, não é difícil se deparar com ratos e baratas em livre circulação.

A convivência com a bicharada é até bem pacífica. Ninguém demonstra surpresa quando vê animais rastejando pelos montes de entulho.

— Parece que nesse saco tem mais barata do que papel. É sempre assim? — pergunto com as mãos na ponta do saco, esticando os braços o quanto posso para que ele fique o mais distante possível do resto do corpo.

— Tu não viu foi nada, parceiro — responde Carlos com sorriso de deboche no rosto.

Uma verdade. Não havia visto muita coisa até então. E é impaciente ir vivenciando os incômodos daquele catador em doses homeopáticas.

Como na vez em que, em meio a uma montanha de latas mal cheirosas, anunciou, em alto som e sorriso largo no rosto, um grande achado. Era uma lata inteiramente

lacrada de leite condensado. Mais três catadores logo se aproximaram, um deles tirando do bolso uma faquinha suja e enferrujada,

**“Tu não queria sentir na pele?
Tem que comer o que
a gente come”**

dessas que cabem na palma da mão. Felicidade de menino.

— Isso aqui é um tesouro, parceiro. De vez em quando eu acho uma assim, toda lacradinha — diz Carlos antes de verificar a data de validade.

Está lá, escrito com todas as letras em quadradinhos: até novembro de 2009.

— Olha aí, deve tá bom, ainda — logo diz um deles, para minha surpresa.

E assim, sem colher nem nada, largaram os dedos na lata e se deliciaram com o leite condensado com mais de dois anos de validade superada.

— Vai querer, não, parceiro?

— Essa eu vou dispensar. Mas obrigado — arranco boas risadas da turma com essa resposta. Estava com asco só de ver, não me preocupei em disfarçar.

— Tu não queria sentir na

14 pele? Tem que comer o que a gente come — retrucou um deles.

Tentei explicar, em vão, os problemas que a ingestão daquele alimento poderia causar ao meu frágil estômago e ao deles tam-

“Dá vontade é de sumir e nunca mais voltar”

bém. Claro que só provoquei mais risadas. Por causa do episódio, fui assunto até a hora do almoço.

Os momentos de descontração me permitem maior aproximação com Carlos, que pouco conversa sobre assuntos pessoais. Quando o passado vem à tona e as lembranças da família aparecem, o semblante se esvaece. A frieza característica da voz se torna mais evidente do que de costume nesses casos.

No depósito, as condições de trabalho não são ideais. Os catadores lidam com objetos cortantes a todo momento, mas não se vê ninguém com botas ou luvas. Eles se viram como podem, usando sapatos achados nos entulhos, enrolando as mãos e a cabeça com retalhos de pano ou usando calças compridas. A única opção para se lavar está num grande tambor de ferro com três quartos de água. A água é turva, numa coloração marrom de tão suja. Sobre a única pia à vista, está escrito na parede, em letras pintadas: “Proibido lavar as mãos”.

Ao menos no que se refere à rotina de trabalho, o papo flui com mais naturalidade. Carlos nunca se negou a explicar ou ensinar.

— O que eu faço com isso? — consulto-o sempre, temendo fazer algo de errado.

— Leva pro caminhão. Cuidado pra não bagunçar: papel branco de um lado, papel misto

do outro. O papel misto é o papel colorido. Cuidado pra não tropeçar naquele cano ali. E, quando o saco tiver muito pesado, pode deixar que eu levo.

Lá vou eu, então, com o saco de papel e baratas, desviando da balança, dos montes de papelão e dos inúmeros catadores que entram e saem a todo instante, gritando, resmungando, rindo, cantando e catando.

Carlos trabalha na organização

do galpão de triagem. Ele tem de separar, armazenar e despachar o material reciclável comprado dos catadores carroceiros. A atividade é fatigante: oito horas do dia se agachando e levantando, depois carregando grandes volumes de peso, tudo sob condições ínfimas de segurança e salubridade.

— E, ainda mais, tem dia que eu levo muito desaforo aqui. Dá vontade é de sumir e nunca mais voltar. Não sei se aguento muito tempo, não — dizia ele — e não sumiria apenas uma vez.

Carlos Alberto engana bastante nas aparências. Corpo magro, pequeno, maçã do rosto saliente, pele toda lisinha: o físico — e também os gestos, o linguajar — é de um jovem de vinte e poucos, mas as histórias por ele proferidas revelam um homem já bem vivido.

— Pois taí que eu pensava que tu tinha uns vinte e três anos — tive de confessar, tamanha a minha admiração.

— Mas eu já sou é avô.

— Que conversa...

— Eu tenho um menino de 16 anos.

— Não acredito, não.

— Tô dizendo.

Carlos tem 33 anos. Nasceu em

15 10 de abril de 1979, rodeado do que foi o maior lixão da capital cearense, o lixão do Jangurussu. Não à toa começou a trabalhar com materiais recicláveis logo aos 12.

As experiências adquiridas no Jangurussu até hoje o acompanham. É como se a vida reproduzisse a geografia sinuosa da infância, cheia de subidas e descidas, idas e vindas, e fugas, muitas fugas.

— Eu me criei ali no lixão, mesmo. Uma casinha humilde, de favela. Meu pai e minha mãe se separaram muito cedo, e eu fiquei mais com as minhas avós. Eu ficava pulando na casa duma, na casa doutra.

— Como era a infância no lixão do Jangurussu? Gostava de fazer o quê?

— Soltar raia. Tem até uma li-

“Tem deles que só trabalha para sustentar o vício”

nha guardada ali. Quando surgir uma oportunidade, eu vou soltar de novo.

— Era tua diversão preferida?

— Era não. Minha diversão preferida, mesmo, era cheirar cola.

Falar sobre drogas com catadores da região central de Fortaleza, seja morador de rua ou não, não

é tarefa complicada quando nos misturamos a eles. As drogas estão tão impregnadas no cotidiano, é tão natural consumi-las naquele contexto, que difícil é conversar com qualquer um deles e não se chegar a esse assunto. Segundo depoimentos dos próprios catadores, “tem deles que só trabalha para sustentar o vício”.

— Tá vendo o tanto que esse aí tá ganhando com essa carrada? Amanhã ele não tem dinheiro nem para café da manhã — conta um.

— Ele trabalha pra se drogar e se droga pra trabalhar — completa Carlos.

A carrada é o material reciclável armazenado no carrinho — ou carroça, como eles também costumam chamar. O catador pode ir e voltar da coleta quantas vezes quiser, na hora que convier. Não importa se um sai para catar e volta com um quilo ou cem, o deposeiro — dono do depósito; quem compra o reciclável — faz o pagamento no ato da entrega.

Esse sistema de catação se adequa perfeitamente à realidade dos dependentes químicos. Um dependente não quer esperar um mês de

trabalho até ter dinheiro suficiente para comprar a droga. Um catador viciado ansioso por uma pedra de crack pode conseguir em algumas horas dinheiro para sustentar um dia inteiro de vício. Muitos deles trabalham visivelmente alterados — olhos arregalados, movimentos desordenados —, e não escondem nem no falar a intenção pelas drogas.

Nos dias de trabalho, Carlos se mostra seguro quando o assunto é droga. Quando se faz a triagem das latinhas, pode-se encontrar várias delas queimadas pelo uso do crack. Numa dessas, pergunto o que é que ele acha do crack.

— Eu quero é distância disso aí. É caminho sem volta.

O que me surpreenderia dias depois é que ele já havia pegado a trilha.

— Carlos, você lembra da primeira vez? Quantos anos você tinha quando experimentou a primeira droga?

— Doze anos. Com meu primo.

— Como foi?

— Eu trabalhava com ele lá em cima [do lixão do Janguressu]

É caminho sem volta

delírio e pura realidade.

O consumo de drogas fez com que a família o internasse — tinha apenas 14 anos — num colégio interno para menores infratores. Carlos, que só queria achar graça do vento, passou alguns meses tendo de conviver com gente de toda estirpe, de simples consumidores de cola como ele a ladrões e até mesmo estupradores.

— Eu passei uns três meses, só. Ninguém ia me ver, me visitar, nem nada. Todo dia eu chorava querendo ir pra casa. Eu fui largado. Me jogaram lá e me deixaram.

— E com um tempo você saiu? Como foi? — perguntei.

— Não, eu fugi.

Um jogo de futebol em outro colégio interno foi promovido para os adolescentes da unidade de Carlos. A caminho do jogo, um dos rapazes, o mais forte e mais corajoso, arrombou a porta da

enchendo carrada de lata. Era só encher um tambor de lata, botar na cabeça e levar pro caminhão. Aí um dia ele me fez a proposta de fumar maconha. Eu cheirei aquilo, senti um cheiro diferente. Daí nós fomos pra barreira fumar.

A barreira era a parte mais escondida do morro. Era o local usado pelos catadores para consumir drogas. Nessa ocasião, era maconha. Carlos lembra da sensação com certo ar de saudosismo: “Olhos baixos, achando graça até do vento”. Uma semana depois foi a vez da também aprovada cola de sapateiro.

— Eu ficava tendo alucinação. Eu gostava muito de video game na época, principalmente “Mortal Kombat” e futebol. Quando eu fechava os olhos, eu via aqueles personagens, eu entrava dentro daquele mundo, começava a brigar — levanta-se dando socos no ar, de olhos fechados.

A partir dali, o provérbio proferido por Carlos alguns dias antes fez todo o sentido: “É caminho sem volta”. E os vários mundos experimentados, os personagens visitados dentro de si, misturam-se cada vez mais. As fases que se seguem na vida de video game desse catador se confundem entre

“A gente dormia em qualquer canto. Tando cheirado...”

Kombi que transportava o time.

— Correu todo mundo, aí eu corri também.

— Você fugiu. Mas você fugiu para onde?

— Eu fui seguindo. Eu pensei

assim: vou ficar com esse grandão aqui, que é o mais velho e vai me proteger.

Amargurado com o tratamento recebido da família, Carlos não quis voltar para casa. Preferiu viver nas ruas agitadas do Centro, onde tinha diversão com fartura para um menino de 14 anos.

— E onde é que vocês dormiam?

— A gente dormia em qualquer canto. Tando cheirado, a gente dormia.

A cola de sapateiro, sublime da fome, remédio do frio, parecia ser a fuga mais solicitada entre Carlos e seus companheiros. Por isso era procurada a todo custo.

— Como é que vocês conseguiam a cola?

— A gente comprava. Arrumava dinheiro pedindo, roubando...

— Você lembra o que mais você conseguia nos roubos?

— Era relógio, cordão, chinela. Quando eu roubei um cordão de prata, eu ainda me lembro, comprei foi uma lata de cola desse tamanho assim — faz o gesto com uma das mãos, que para há alguns centímetros do chão. Uma lata das grandes. Era a cola de sapateiro dos meninos descalços.

Mas não havia substâncias que paliassem a falta de carinho,

de atenção. E nem houve quando, enfim, Carlos volta para casa, um ano depois.

O episódio coincidiu com o dia em que a Vó Caetana — a bisavó materna — adoentara-se seriamente, falecendo no mesmo dia por ataque cardíaco. Em meio a tanto choro e pêsames, a volta ao lar não foi nenhum pouco receptiva a julgar pelas perguntas dos parentes. A família já tinha dado o menino como morto.

— Tu tava onde? Vai tomar um banho, vai. A gente vai levar a Vó Caetana para o hospital. E por que tu não vai pra tua mãe? — foi o que alguém disse ao se deparar com o menino Carlos, vivinho.

— Sei não. Ela nunca fez conta de mim — lembra Carlos.

— E sua rotina depois que voltou pra casa? Como é que ficou, Carlos? — perguntei.

— Lá, depois que a Vó Caetana morreu, ninguém ligava pra mim, não. Ninguém me dava roupa nem nada.

— Aí você arrumou um emprego...

Deixei a frase incompleta na esperança de que o silêncio o incentivasse a falar. Carlos já tinha feito muita coisa na vida, ele mesmo já dissera isso outra vez, mas o silêncio parecia mais confortável

naquele momento. Os olhos castanhos se puseram a mirar num ponto fixo do chão de carpete velho, e, quando decido perturbar aquela falta de ruídos, ele se adianta:

— Eu vou te falar a verdade. Eu não gosto de esconder, não. Eu vendia maconha. Aliás, vendia não. Eu ia buscar.

— Como se chama essa função? Avião, né?

— Não. Avião é aquele que vai buscar só uma balinha. O certo, mesmo, é mula. Mula vai buscar de muito.

Na casa da avó, lá no Parque São José, Carlos não recebia muita coisa. Não davam o que comer nem vestir. Como a vida nas ruas já havia ensinado, saiu tarde da noite no intuito de roubar qualquer coisa: precisava urgentemente de dinheiro. Mas no meio do caminho, passando por uma favela, uma outra proposta lhe pareceu mais tentadora.

— Gaiola, tem um serviço aqui pra tu fazer. É pra tu pegar um negócio. Quer fazer?

Gaiola era Carlos, que recebeu a alcunha por ser magro demais. O negócio a ser pego, o próprio Gaiola nem perguntou do que se

tratava. Só tinha olhos para a bicicleta que tinha acabado de ganhar do intermediário do tráfico.

— Me deram uma bicicleta bonita que só uma porra, macho. Era uma magrela, daquelas balão, que o acento dela era de onça, feito de couro.

Era visível, nos olhos de Carlos, o entusiasmo da lembrança de uma bicicleta realmente significativa emocionalmente.

Ludibriado pela magrela, Carlos partiu para a primeira viagem como mula. As instruções eram mínimas. Tinha de parar no local combinado e esperar o tempo que fosse até alguém procurá-lo e entregar a encomenda. Chegado ao destino, passaram-se duas horas até um sujeito mal encarado chegar num carro, de olho fixo na bicicleta de couro de onça.

— Tu que é o Gaiola, é? — Carlos olha para um lado, depois para o outro.

— Sou eu mesmo. Por que, senhor?

— Tem uma encomenda aqui. Pega e vai embora. Não olha nem pra trás.

Era uma bolsa de viagem, feita de nylon. Junto com a bolsa, cin-

Tu que é o Gaiola, é?

20 quenta reais. Sem questionar nem olhar para trás, Carlos voltou com a pressa de quem foge. E realmente fugia, só não sabia ainda de quê.

— Eu nunca tinha andado numa bicicleta daquela. Quanto mais eu corria, mais tinha vontade de pedalar. Quando eu entrei na favela, eu cheguei foi gritando: “Ei, doido, tá aqui a parada”.

Pelo entusiasmo de Carlos, que bradava aos ventos a chegada da encomenda, o chefe da boca percebeu, e repreendeu, a inocência do mais novo empregado.

— Tu não sabe o que tá fazendo, não, moleque? — disse ele, carregando Carlos para uma casa repleta de balanças.

Abriram a bolsa.

— Começou a derramar tudo. Vinha tudo solto. Parecia aqueles fardos que dão pra cavalo. Como é o nome? — perguntou bem inte-

ganharia mais cinquenta reais se deixasse o mesmo pacote a um segundo homem.

— Aí eu falei: bora — não pensou duas vezes.

De volta para casa, Gaiola disse ter arrumado um bom emprego. Fez viagens que somavam duzentos reais no bolso e já tinha uma bicicleta de dar orgulho.

— E ninguém questionou que emprego era?

— Ninguém perguntou nada, não. Dei logo cinquenta reais pra ajudar dentro de casa. Quem é que ia perguntar? Isso se chama “faz-me rir e cala minha boca”.

Foi a frase daquele período de exageros e bonanças. Com 15 anos de idade, tinha dinheiro para comer bem e se vestir como bem quisesse. Nesse mesmo ano, até pai se tornou — fugindo de tão grande responsabilidade, Carlos Alberto chegou a comprar uma casa para a família da namorada para que não exigissem pagamento de pensão. Hoje, esse filho

tem 16 anos e é pai, fazendo de Carlos avô aos 31 anos.

Mas o que parecia ser a garantia de dinheiro fácil acabou significando uma vida de fuga intermitente. E quando se trata de fugir da pressão que o crime impõe, não



“Isso se chama **Faz-me rir e cala minha boca**”

ressado em saber o nome.

— Feno — respondi.

— Pronto. Parecia feno, bem imprensado.

Depois de tudo pesado e en-sacado, uma nova proposta, tão tentadora quanto, foi feita. Carlos

tem bicicleta que resolva. A rota de fuga mais fácil acabou sendo o consumo de drogas cada vez mais pesadas.

— Eu tinha que cheirar [co-caina] pra aguentar a pressão. Eu não tava aguentando mais. E, depois que minha família descobriu, eu resolvi cair fora. Eu não queria envolver mais ninguém com essas coisas, não.

Decidido a se livrar da vida no tráfico, pegou todo o dinheiro guardado e fugiu para Mossoró, no Rio Grande do Norte, onde se ocupou como servente de pedreiro e pintor por dois anos.

A volta para Fortaleza foi mar-

cada por uma paixão que durou sete anos. Ainda hoje, Carlos contém a voz ao recordar-se de Diana, o primeiro e único amor em toda a vida, com quem teve dois filhos, mas guarda decepções que o consomem amargamente.

Diana era uma moça de classe média, vivia bem com os pais. Ansioso por manter um padrão de vida comparável ao da nova paixão, Carlos se arriscou mais uma vez em caminhos tão fáceis quanto perigosos.

— Eu tava sem dinheiro, precisando sobreviver. Me deram uma arma pra matar. Eu ganhava dinheiro matando gente. Passei um

22 tempo assim até a polícia me procurar.

Carlos passou a falar em sussurros, não sei se por lembranças de Diana, de quem sentia, confesadamente, grande amargura, ou se pelas lembranças das vidas que desfez.

A pistolagem foi consumindo seu humor aos poucos. Tinha acessos de raiva a toda hora. Além disso, sentia ciúmes de Diana tão intensamente que chegava a agredi-la.

— Quando a Diana me deixou, deu foi uma doideira em mim — diz bem baixinho, como se doesse só de lembrar.

— Como assim, Carlos? Doideira? Não entendi — digo mansamente, tentando imitar o tom de voz.

— Eu tive depressão.

Diana, sem suportar a violência a que Carlos a sujeitava, decidiu largá-lo. O choque pela perda do único amor foi tão forte que foi preciso mais uma fuga. Dessa vez, o Estado do Piauí foi o destino.

Carlos pagou passagem para Picos, no Piauí, onde viveu nas ruas por alguns meses. Pulava os muros de sítios próximos à cidade para roubar frutas e vendê-las

nas praças. Era assim que se sustentava. Vendia sapoti, cajá, banana, manga rosa, manga espada, tudo fresquinho, sem ninguém desconfiar. Conversando com al-

guns clientes numa venda e noutra, acabou por conhecer o engenheiro que lhe empregaria

como pintor em construções da cidade.

O emprego parecia ser a redenção. Carlos já morava de aluguel e começava a se estabelecer, mas as lembranças de Diana ainda o dominavam. Resolveu largar tudo e voltar só com uma mochila nas costas. Pressionada, Diana acabou fugindo com um turista para a Itália, levando consigo os dois filhos.

Sentindo-se perdido, as ruas do Centro de Fortaleza serviram de abrigo mais uma vez. E dessa vez a cola de sapateiro não seria o bastante, nenhum entorpecente bastaria. As dores sentidas não eram as mesmas dos 14 anos, quando a vida na rua não passava de liberdade, mesmo que ilusória. Dessa vez era fuga. Da família, que o renegava, dos traficantes, que o perseguiram, da polícia, que o procurava, de Diana, que o largava, da vida, que o consumia.

Tive depressão

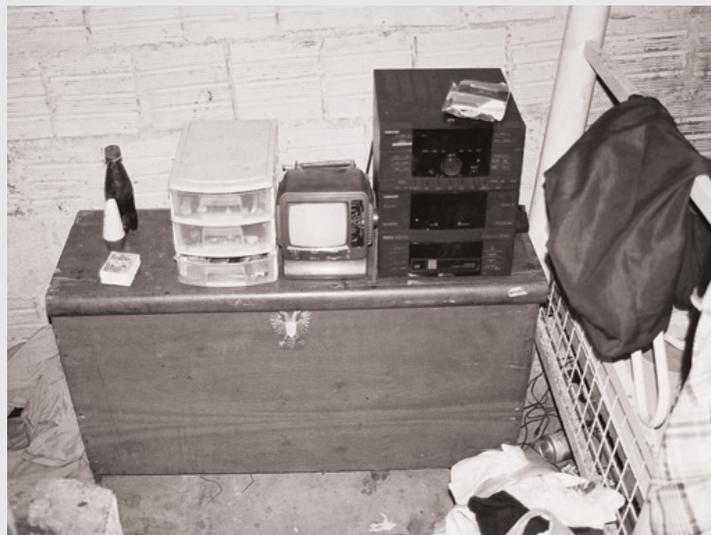
Para inúmeros moradores de rua como Carlos, fugidos e perseguidos, o que resta de trabalho é o catar. Engana-se quem olha para esses catadores de rua e vê homens e mulheres catando apenas latinhas, peças de ferro ou pedaços de papelão. No meio daquelas valas de lama e lixo, eles ainda acreditam poder encontrar qualquer coisa que os valha, que os faça esquecer da condição em que vivem. Qualquer coisa. Não sabem sequer se existe algo assim, mas estão lá, de cabeça baixa, procurando.

Carlos voltou a catar recicláveis quando voltou a viver nas ruas. No final de 2011, foi convidado pelos donos do depósito para trabalhar lá de forma fixa. Foi quando o conheci. Recebeu-me na quitinete onde dormia nos dias que antecederam o Natal. No início de 2012, quando me preparava para mais algumas visitas, recebi a notícia de que Carlos havia ido embora sem dizer para onde.

Mais uma fuga. Que seja menos uma dor. •

No depósito onde Carlos Alberto trabalhava, as relações entre deposeiros e catadores são bem complexas. Além do galpão de reciclagem, os donos do depósito mantêm quitinetes que são alugadas para moradores de rua, na maioria catadores. O aluguel custa R\$ 12 por dia, incríveis R\$ 360 por mês considerando os inquilinos como moradores de rua.

Sob o rótulo de Organização Não Governamental (ONG) que ajuda a tirar as pessoas da rua, os deposeiros hospedam trabalhadores em troca de dinheiro e, indiretamente, de trabalho, já que boa parte dos inquilinos só conseguem pagar o aluguel de moradia porque vende o material catado para os mesmos locadores. Assim, é mantido um fluxo ininterrupto de material reciclável — os catadores só conseguem ter onde dormir e descansar se alcançarem quantidade suficiente de dinheiro para pagar o aluguel do quitinete e da carroça, que é alugada por R\$ 8 por dia.





Marcos Antônio da Silva Santos
& Rosa Cristina Dias da Silva

A VIDA TODA NUM CARRINHO

Conselheiro Vieira da Silva é o nome da rua. Pacata, boa localização no bairro São Gerardo. Residência e comércio se misturam: na esquina, lanchonetes; completando o logradouro, boas casas, dessas pequenas, porém sem modestia, com portões de alumínio e árvore nas calçadas enfeitadas de cerâmica.

Mas poderia ser qualquer rua. Marcos Antônio da Silva Santos, 38, e Rosa Cristina Dias da Silva, 36, não possuem endereço. Costumam dormir por ali, mas podem dormir em qualquer lugar. Porque, além de catadores de recicláveis, também são moradores de rua.

Não têm casa, nem quarto, muito menos um portão. Tudo que possuem cabe num carrinho de catar.

O carrinho, inclusive, é motivo de orgulho para Marcos, que enche a boca de contentamento para falar que as rodas têm dois rolamentos e que mandou soldar tudo com ferro do bom. Pudera. O carrinho é instrumento essencial na

vida do casal, não só porque auxilia no trabalho da catação, também porque acabou se transformando

do numa casinha de duas rodas: a vida dos dois se confunde com a do veículo.

Nos bons tempos, quando costuma sobrar um dinheiro, Mar-

**Qualquer
rua**

O carrinho do casal mede aproximadamente 1,20m x 0,60m. O maior lamento é não poderem colocar uma grade sobre ele. Com a grade, que funciona como uma extensão do compartimento principal, a capacidade de armazenamento dobra ou, dependendo do tamanho, triplica, gerando mais lucros.



Diferença entre um carrinho sem grade (acima) e com grade (abaixo).



cos e Rosa mantém dois carros, um pequeno, mais leve, que Rosa carrega com os utensílios pessoais, e um outro maior, usado por Marcos na atividade da catação. Mas qualquer instabilidade financeira — e são muitas — obriga a venda do carro menor. Da última vez que aconteceu, o motivo foi a saúde debilitada de Marcos. Com suspeita de dengue, passou uma semana inteira sem trabalhar. Não conseguiu, tamanha era a dor que sentia. Sem trabalho, sem comida. O jeito foi vender um dos carros.

E quando diminui a quantidade de carros, também diminui a quantidade de utensílios:

— A gente não pode juntar muita coisa, não — explica Rosa — Se não fica pesado pra carregar.

— E se a gente encher o carrinho de coisa, não sobra espaço pro reciclável — diz Marcos.

— Aí dá bem pouquinho dinheiro pra gente, né? — completa Rosa.

Nessa necessidade de evitar peso, até o colchão, quando conseguem de uma doação ou acham jogado na calçada, tem de ser vendido. É preferível dormir sobre um colchonete, que não tem conforto, mas também não ocupa muito espaço e não pesa tanto.

TEM DE OLHAR PARA BAIXO

Já passa das dez da noite, quase todos já se recolheram em seus lares. Da rua, só se ver réstias coloridas escapando das portas e janelas fechadas. De frente para a televisão, muitos estão produzindo o mesmo lixo que vasculhamos do lado de fora. A hora é boa para catar. Não tem sol, nem trânsito. O problema é que o caminhão do lixo já passou por boa parte do bairro. Temos que nos apressar.

Seguro firme o carrinho de ofício e empurro as hastes de madeira em direção ao chão a fim de suspender a traseira, que logo larga o asfalto. Agora é só puxar: minhas pernas à frente e as rodas seguindo obedientemente. Mesmo vazio, o carro, sozinho, já impõe certo peso.

— Eu não tô acreditando no que eu tô vendo, não — diz Rosa, a catadora, toda admirada — Eu nunca vi isso na minha vida e acho que nunca mais vou ver. Vem cá. Tu vai sair pra catar, mesmo? Tu quer ser pobre, é?

— Se ele tá querendo, vamo simhora. Fica aí que a gente volta já — grita o companheiro Marcos.

— Nada. Eu vou com vocês. Eu vou bem perder isso. E eu sei de uma rua que tem coisa boa pra apanhar. É lá embaixo.

Seguimos, então. Sempre rente à calçada. Na catação, os olhos se voltam para o chão. Os sacos dispostos no meio-fio serão jogados ao caminhão um pouco mais vazios nessa noite: sem garrafas PET [politereftalato de etileno; polímero termoplástico comum nas garrafas de refrigerante, por exemplo], sem latinhas de refrigerante ou cerveja, sem papel e sem pedaços de ferro-velho.

Para muita gente, o saquinho de supermercado jogado três vezes por semana significa asco ou repulsa. Para catadores como Marcos e Rosa, esse mesmo saquinho pode garantir duas refeições por dia. É com o que jogamos fora,

“É tão bom tomar um banho passando sabonete e xampu”

como lixo, que eles se sustentam. Com nada mais. É por isso que olham mais para baixo do que para cima. Não por desmotivação ou por baixa autoestima. É porque a tranquilidade da noite, se vão dormir com fome ou não, depende do que tem dentro dos saquinhos

de supermercado no chão. Olhar para baixo é regra de catador.

E encontramos de tudo dentro deles. Além de produtos recicláveis de plástico, papel e ferro, também nos deparamos com pedaços de copo e prato quebrados, todos soltos, misturados ao resto do jantar; papel higiênico, sujo, é claro; restos de plantas, folhas secas; terra; fraldas descartáveis...

— E o que vocês costumam encontrar para uso próprio, Marcos? Tem muita coisa?

— Tem, sim. É bom quando tem xampu. Às vezes, eu encontro embalagem com uns dois dedos de xampu, sabonete... É tão bom tomar um banho passando sabonete e shampoo. Outra coisa: se eu tivesse casa, dava pra mobiliar todinha só com o que encontro no lixo. Cadeira, mesa, sofá. Tem muita coisa que dá pra usar.

— E você, Rosa? Já encontrou muita coisa boa?

— Já.

— Qual foi a coisa mais valiosa que você já encontrou?

— Foi um saco desses de feira cheinho de arroz. Fizemos a festa nesse dia. Ave Maria. Foi até época de Natal. A pessoa deixou assim,

Parecia um sonho

na calçada, já pra poder alguém que precisa levar. Quando eu vi, eu saí correndo.

— E quando vocês encontram sobra de comida? Vocês comem?

— Come não, é? — responde Marcos de forma divertida — Se não tiver cheirando...

— Vocês lembram da comida mais gostosa que vocês já provaram assim?

— Lasanha. É bom demais — responde Rosa — E naquele dia, Ném — Rosa chama Marcos de Ném, às vezes. Ela diz que é como ela chamava o filho, que hoje tem 16 anos — que a gente comeu peixe. Era... como é que chama? Não tinha nem espinha, o bicho.

— Filé! — lembra Marcos.

— É... Parecia um sonho. Comi tanto que quase eu não levanto. Ave Maria!

Com a conversa rolando solta e tendo que impor bom ritmo na corrida contra o caminhão do lixo, chegamos rápido

na Lagoa do Porangabussu, há treze quarteirões de onde iniciamos o trajeto, lá no São Gerardo. O carrinho, ainda tímido em conteúdo, fica aos cuidados de Rosa enquanto Marcos e eu fazemos uma

varredura num quarteirão ali próximo. Usamos apenas um balde: para tão curta distância, o carro iria nos atrasar.

Com o ritmo de trabalho, já adquire certa destreza na hora da catação. Só de olhar para o saco, já percebo se ali tem reciclável ou não. Mesmo assim, vou apalpando um e outro a fim de ter certeza se não tem nada coletável. Se encontramos algo, abrimos o saco, retiramos o que for reciclável e logo fechamos de volta. Marcos se orgulha de fechar as sacolas:

— Não é todo catador que fecha as sacolas, não. Mas nós fechamos tudo. Deixamos do mesmo jeito que encontramos, que é pra pessoa não ter o que reclamar. Não é porque a gente é catador que a gente tem que deixar tudo espalhado e sujo, né? Mas tem deles que não tão nem aí.

Depois de passarmos um tempo calados — o assunto já estava acabando — aproveitei para fazer uma pergunta que sempre me intrigou:

— Marcos, me desculpe se vou fazer uma pergunta muito indiscreta...

— Pode perguntar.

— Como é que vocês, morando

na rua, fazem em relação a sexo. Como é que faz? Nunca pegaram vocês em flagrante, não?

— Ah... Tem um macetezinho — ainda bem que ele encarou a

“É a gravidade. O peso vai todo pra frente, aí fica leve”

minha curiosidade com bastante seriedade — A gente espera dar altas horas da madrugada, quando não passa ninguém na rua. Aí bota a coberta por cima que tá tudo certo.

— E para evitar a gravidez?

— Tem perigo, não. Ela é ligada. Depois que o filho dela nasceu, os médicos ligaram ela.

Enchido o balde, voltamos ao encontro de Rosa, que já espalhou para todas as amigas da lagoa que tem um rapaz meio maluco querendo ser catador.

— Ei, vem aqui. Elas tão querendo te conhecer — ela solta um grito assim que me vê descendo a rua.

Vou me apresentando já me despedindo das senhoras a minha volta. É que está começando a cair uma chuvinha miúda e não temos guarda-chuva. Tomo posse do carrinho, agora um pouco mais pe-

Se o carrinho fica no prego, o trabalho fica comprometido



sado, e continuo puxando. Difícil vencer lombadas e buracos assim, com tanto peso. O único conforto é contar com a geografia plana da cidade. Marcos oferece uma boa dica: se empurro a parte dianteira do carrinho mais para baixo, esticando os braços, o peso do próprio carro ajuda no deslocamento, diminuindo consideravelmente o esforço empregado.

— É a gravidade. O peso vai todo pra frente aí fica mais leve — explica ele, surpreendendo-me pela lição que recebi e pela leveza que o carrinho adquiriu.

— E tu vem falar isso só agora, Marcos! — gritei num tom de brincadeira, provocando um sorriso amarelo no companheiro de viagem.

Outra surpresa foi que lidamos com o trânsito de automóveis de forma bastante tranquila. Afinal, já eram onze horas da noite quando voltamos, havia pouca movimentação nas ruas. A tensão só existiu na hora de atravessar a Avenida Jovita Feitosa, onde o trânsito flui com mais velocidade. Mas o casal garante que os motoristas costumam respeitá-los:

— Eles têm que desviar ou pa-

rar, porque eles também não querem bater o carro deles. Quem é que quer prejuízo? Ainda mais com um catador, que não pode pagar nem outro carrinho desse aqui, imagine o amassado do carro deles

“Graças a Deus, tem muita gente disposta a ajudar neste mundo”

— diz Marcos, muito convincente.

Na volta, fazendo o caminho oposto, a cidade está ainda mais vazia. Durante quase todo o trajeto, vê-se mais cachorros do que gente, tanto na rua quanto nos quintais vazados das casas. E quando encontramos alguém acordado, por ventura recebemos ajuda. Passando por uma das ruas, um homem nos chama na calçada. Ele tem dois colchões usados, mas ainda em bom estado, e resolve doá-los para o casal, que agradece a gentileza.

— Não é todo dia que vocês ganham colchões, né? — pergunto, já sabendo a resposta.

— Todo dia, não. Mas de vez em quando tem. Graças a Deus, tem muita gente disposta a ajudar neste mundo — conta Rosa. —

34 Tem muita gente ruim, mas também tem muita gente boa — completa.

Depois de uma parada de dez minutos para esperar a chuva passar, afinal, tínhamos colchões a proteger, chegamos, enfim, à Rua Conselheiro Vieira da Silva, no cantinho deles, como gostam de chamar. O cantinho é a calçada de uma marmitaria, na esquina com a Avenida Bezerra de Menezes. A calçada é larga e ainda oferece um telhado cobrindo o canto onde dormem.

— E o dono desse prédio aqui? Ele não acha ruim vocês dormirem aqui, não?

— Não. Ele só pede pra gente não deixar ninguém mijar na calçada dele. E eu não deixo, mesmo, não. Se não, fica o mal cheiro pra gente também — explica Marcos.

— E onde é que vocês fazem?

— Lá embaixo — diz Rosa.

— E quando tem que fazer outras coisas — não contivemos uma gargalhada — a gente bota num saco que é pra não sujar a calçada de ninguém e nem se incomodar com aquilo depois, porque a gente anda na rua direto. A gente também gosta de andar sem ter que pisar em merda, não é verdade? — Marcos provoca mais risos com o depoimento.

NA HORA DE PEDIR

— Qual é a parte mais chata dessa atividade de catar recicláveis?

— Tem não... — Marcos mantém alguns segundos de silêncio até completar — Só é ruim quando o carro dá o prego. Quebra o eixo... O pneu seca... Aí tem que juntar um dinheiro para consertar.

— Mas, sem o carro, vocês não podem sair para trabalhar. Como é que conseguem dinheiro assim? — pergunto.

— Pedindo. Tem que pedir que é pra não morrer de fome — responde Rosa antes mesmo do fim da resposta.

— E as pessoas costumam ajudar sempre?

— Graças a Deus — reconhece Marcos.

— Mas vocês não sentem que tem gente que evita passar perto, desvia o caminho...?

— Não, isso não — responde Rosa — Eu percebo assim: quando eu entro numa rua e me aproximo de uma senhora na calçada, ela entra dentro de casa porque já sabe que eu vou pedir. Mas aí eu já insisto. Aí é que eu insisto, mesmo.

— Ela aí quando insiste numa

coisa, ela insiste mesmo. Fica no pé da mulher até ela dar alguma coisa — diz Marcos, rindo da perseverança da companheira.

— Quando vê que eu não vou fazer nenhuma maldade, aí já muda a história. A pessoa já ajuda, entendeu? — completa Rosa, que reconhece que existem catadores capazes de “fazer maldades” — Tem muito reciclador que não faz a reciclagem verdadeira. Eles usam o carro para roubar. Por exemplo, pulam o muro pra pegar cadeira de PVC [*poli cloreto de vinila; tipo*

de plástico que rende bom dinheiro aos catadores, que os vendem por uma média de R\$ 0,85 o quilo]. Se tiver coisa boa no quintal, eles levam tudo. Não deixam nada. Se veem roupa, lençol, levam tudo. Então olham pra gente e pensam que nós vamos fazer esse tipo de coisa.

— Mas Rosa, como você faz, então, para convencer as pessoas de que realmente precisa de ajuda? Como você chega na pessoa?

— Ei! Bom dia! — Rosa aumenta o tom da voz para simular



o discurso do pedinte.

— Pois não, pode falar daí —
dé o que dizem de dentro da casa.

— Senhorita, é porque eu sou do interior de Sobral. Tá com 15 dias que eu vim a pé com esse carro, eu e meu marido — Rosa inventa uma mentira, que é para dar mais certo. — Nós não conhecemos ninguém aqui em Fortaleza, não conhecemos nada. Então eu queria pedir uma ajuda a senhora, se fosse possível. Pode ser um pouco de café pra nós beber com um pão que a gente tem ali.

Com essa apresentação toda, tem gente que trás logo é a garrafa.

— Já muda a história, porque ela pensa que nós não somos de Fortaleza e já confia mais. Já ajuda — conclui.

— Vocês acham ruim quando a pessoa não ajuda?

— Rapaz, eu não fico muito alegre, não — diz Marcos, em tom de ironia.

— As vezes a pessoa não dá porque não tem, mas eu peço a Deus que mais na frente eu consiga. Quando dá fé, mais na frente, eu consigo mesmo. Por isso que eu não perco a minha fé em Deus — diz ela.

— A gente vê logo quando a pessoa não tem — diz ele.

— É, mas tem gente muito mi-

serável — lamenta Rosa.

— E costumam dar que quantidade? — pergunto.

— Dois reais, três, cinco. Às vezes, não precisa nem pedir. A pessoa chega e dá. Tem gente que para e já entrega uma quentinha. É tão bom quando isso acontece.

AVE MARIA!

Apesar de saudar Nossa Senhora com certa frequência, Rosa não se considera católica. O que mais simpatiza é Marcos, que já chegou a levar um terço pendurado no carrinho. Antes de pintar o carro todo na cor laranja — “é só pra mudar, mesmo. Achei uma tinta e resolvi pintar” — eram frases da bíblia que preenchiam a lataria. O carro todo branco, um branco em tom de gelo, repleto de letras garrafais num azul celeste. Bonito, mesmo. No cantinho, perto da haste de madeira de apoio para as mãos, o nome do dono vinha numa letrinha menor.

Quando conheci os dois, Rosa passara muito mal da barriga. Andava enjoada de um leite desnataado que tomou. Tendo que cuidar da mulher, Marcos não pôde

FOME E VERGONHA

Rosa faz questão de dizer que, hoje, briga por um lixo, mas nem sempre foi assim.

Quando conheceu Marcos, há três anos, tinha vergonha de o companheiro ser catador e tinha nojo de procurar materiais no lixo doméstico. Durante o primeiro ano juntos, apenas Marcos saía para catar.

— Hoje eu não tenho nojo, não. Pode ter tapuru, pode tá podre, eu meto a mão pra catar o reciclável. Eu faço é gritar: esse aqui é meu! E saio correndo.

Rosa lembra dos primeiros meses junta de Marcos, quando ele chegava de uma catação trazendo comida achada no lixo.

— Olha aqui o que uma mulher me deu lá em cima. — mentia Marcos, já pondo o alimento na boca a fim de ludibriar o nojo da companheira.

— Mentira! Tu trouxe isso aí foi do lixo — retrucava Rosa, que, mesmo com fome, não tinha coragem de comer a oferta.

trabalhar nesse dia. É assim que acontece quando um dos dois se adoenta.

Recostaram-se, então, numa calçada da Rua Senador Pompeu, no Centro, ao lado de uma farmácia 24 horas. Enquanto Rosa geme de dor, deitada na calçada, Marcos reveza o papel de enfermeiro com o de flanelinha, a fim de conseguir uns trocados para a compra de um remédio. Tiveram o cuidado de deixar dois carrinhos enfileirados cobrindo o corpo de Rosa, de modo a oferecer mais privacidade naquele momento ruim. Já eram onze da noite:

— Já conseguiu quanto?

— R\$ 1,25 — responde instantaneamente. Não precisou abrir o bolso e contar as moedas. Pareceu-me que já contava aqueles centavos a cada minuto.

— Ném. Ô, Ném. Tá doendo — Rosa murmura com dor.

— O que foi, bebê?

Ele logo corria ao encontro de Rosa e começava a massagear a barriga dela. Levantava discretamente a blusa da sua bebê e massageava por minutos até que ela se acalmasse. A calma só vinha quando a oração surtia efeito.

Feito um eclesiástico fervoroso, Marcos, ajoelhado ao lado da esposa, alternava as mãos sobre o

corpo de Rosa, ora as repousando sobre a cabeça, ora as colocando sobre a barriga num exercício massageador. Balançava o tronco para frente e para trás ao mesmo tempo em que proclamava palavras curativas. Se os gestos eram voluntários e extravagantes, a oração era discreta, comedida, liberada da boca do curandeiro em pequenas doses, discretos sussurros.

— Ela já melhorou?

— Um pouco — responde Marcos, que senta num banquinho em frente aos carrinhos — Ela não se deu com aquele leite. Já vomitou foi tudo aí, é porque eu já limpei a calçada, já.

— Achei muito bonito o seu gesto. Fazendo a oração.

Certo dia, tento firmar o horário para um próximo encontro com Marcos e Rosa. É quando me dou conta de que não possuem relógio.

— Como é que vocês sabem das horas, então?

— Ele aí olha pro céu e diz. Vai, Marcos. Mostra a ele.

Marcos para no meio da rua e observa o céu.

— Tá numa faixa de dez e meia — prediz Marcos, calculado que horas seriam com o sol naquela altura.

Discreta margem de erro: eram onze horas no meu relógio.

— Ele diz até quando vai chover — conta Rosa toda orgulhosa do marido sabedor do tempo.

— É, eu tenho que cuidar dela. Porque ela já cuidou muito de mim. Foi ela que me acolheu quando eu mais precisei. Se não fosse por ela...

— Vocês são muito religiosos, Marcos? Eu notei que vocês têm um terço pendurado no carrinho.

— Isso ali foi que eu

achei no lixo. Eu botei porque ficou bonito. Com essa vida que a gente leva, assim, na rua, só Deus, mesmo. A família dela é que é tudo crente. Ela já foi um tempo, mas não é mais, não. Hoje em dia, a gente não é de nenhuma religião, não.

— Quer dizer que ela te acolheu num momento difícil. Que

Só Deus, mesmo

erradas do momento se resumem a um vício que desestrutura a vida deles e de tantos outros catadores e moradores de rua:

— Eu vou dizer uma coisa: o que estruiu a nossa vida, a minha e a dele, foi a pedra — afirma Rosa.

— Se vocês têm essa consciência, por que vocês ainda procuram o crack?

— É que dá uma loucura na gente — conta Rosa — Às vezes, a gente não quer nem usar, aí vem um tentador... Olha aí os olhos dele, ó — aponta para Marcos, que já carrega um sorriso maroto tanto quanto envergonhado — A gente vê aí vai atrás também.

— De sem vergonha que é — revida Marcos.

— É porque nós somos fracos — conclui Rosa.

— Tendo cinco reais [é o preço médio de uma pedra de crack com o peso de 0,25 grama], vocês preferem comprar uma pedra ou comprar comida?

— Comida! Deus me livre! — responde Rosa instantaneamente, mostrando que a resposta é óbvia — O melhor da vida da gente é quando a gente toma um banho, come e se sossega. Aí a pessoa não precisa de droga. Quando a barriga tá cheia, a pessoa não pensa em droga. •

momento foi esse?

— Eu já fiz muita coisa errada nessa vida. Você vai me desculpar, mas outro dia a gente conversa. É porque ela tá doente aí...

— Tudo bem, Marcos. Eu entendo. Você tem que ficar é cuidando dela, mesmo. A gente conversa com mais calma noutro dia.

MUITA COISA ERRADA NESTA VIDA

Sobre coisas erradas, Marcos não se refere apenas ao abandono dos estudos na 4ª série, nem se trata de quando fugiu de casa com raiva dos pais na adolescência. E Rosa, que também confessa fazer muita coisa errada, também não se refere às traquinagens que fazia no colégio ou aos pequenos furtos que praticou até bem pouco tempo.

Os dois tem passagem por sistemas carcerários. Ela por prática de furto [seis meses de detenção]. Ele por três motivos diferentes: assalto à mão armada [um ano], furto [mais um ano] e formação de quadrilha [seis meses], sendo inocentado neste último caso.

A vida de crime já está superada, é o que garantem. As coisas



Maria de Fátima Albuquerque

UMA CASA, UM GALPÃO, O UNIVERSO

Nas bordas do bairro Vila União, em Fortaleza, existe um conjunto habitacional tão completo quanto um sistema solar e tão simpático quanto o nome pode recomendar. O Planalto Universo é desses conjuntos sem muito luxo, de apartamentos simples e gente mais simples ainda. A construção passou por duas etapas: a primeira concluída em 2005, e a segunda em 2008, quando lá chegaram moradores da comunidade Maravilha, antiga área de risco que corria junto com o canal do Tauape, sob a sombra da rodovia BR-116, ali no comecinho, próximo ao quilômetro zero.

Sobre astros quadriláteros do Planalto Universo, blocos e mais blocos de concreto, gravitam apartamentos cuja despreensão mais

encanta do que assusta. Na frente, a porta é larga e, a convite do janelão, o vento sempre entra para o cafezinho da tarde. Tem apartamento de 42 m², dois quartos, e tem de 50 m², três quartos, depende do tamanho da família.

Na queda da noite, os corpos celestes resplandecem. A luz própria de cada televisor produz efeitos estelares aos blocos cintilantes, que, se não fosse a forma retangular que lhes é característica, dariam mesmo a impressão de uma viagem espacial.

Empenhando-se nas mesmas ruas onde as crianças trocam passes em sombras compridas, olhando para as mesmas calçadas onde as senhoras se balançam com a cadeira e com a prosa, trabalham dezenas de catadores de materiais



Entrada da Rua Saturno, uma entre tantos astros do Planalto Universo. Para cada rua, um planeta, de Mercúrio a Plutão. Em cada bloco, oito apartamentos, oito famílias.

recicláveis. Eles têm o universo como moradia e campo de trabalho: estão acostumados a grandes jornadas espaciais. Para cada rua, um planeta. A Terra ficou de fora, mas tem Rua Mercúrio, Rua Vênus, Rua Marte... Até chegar Plutão.

Envolvem os planetas a Rua Via Láctea, que acompanha a linha férrea, a Rua do Sol, iluminando um riachinho que deságua na lagoa do Opaia logo abaixo, e a Rua 13 de Abril, fechando o triângulo espacial.

É por essa última que eu desço:

— Bom dia! Por favor, uma informação: onde mora a dona Maria de Fátima?

— Maria de Fátima? — o homem, desconfiado, olha primeiro para o céu, cavucando o nome na

mente, depois olha em direção à rua, averiguando se não esqueceu de contar com ninguém por ali. — Olha... Não é por aqui, não.

Quem atravessa o Planalto Universo sem conhecer, pode passar pelo bloco 94 e não perceber a presença da dona Maria de Fátima Albuquerque. Ou, se percebe, nem reconhece a importância. Não notei, mas ela estava lá no corredor do andar de cima, bem vistosa, virada para a rua, muito bem sentada. Na mão, o copinho era de água

mineral, mas o conteúdo era um perfumado café.

— Pensei que você não viesse mais. Quase que eu saio pra ir ali no mercantil — ela comenta assim que chego subindo os degraus, tentando abrir o portãozinho de

mineral, mas o conteúdo era um perfumado café.

Maria de Fátima?

ferro que dá acesso ao corredor.

— Eu só não te ofereço um café porque eu não tenho mais açúcar.

— Não... Pelo amor de Deus, não se preocupe com nada.

Talvez não tenha reparado antes porque procurava o nome errado. No Planalto Universo, e em tantos outros lugares, incluindo outros estados brasileiros, Maria de Fátima é, na verdade, a **Ronaldinha**, simplesmente. Para a vi-

zinhança, essa catadora negra, de fala firme e convincente, 58 anos, nunca passa despercebida.

— É tanto que o pessoal aqui é tudo mandando eu me candidatar pra vereadora. Deus me livre. Eu não vou entrar num barco desse, não.

— Por quê?

— Por causa das coisas que vêm acontecendo: esse roubaral que me mata de vergonha. Não



Quando morava na comunidade Maravilha, a então Maria de Fátima raspou a cabeça inspirada no Ronaldo, ex-jogador de futebol, artilheiro de todas as copas mundiais. “Eu sou fã do Ronaldo. Eu vi ele jogando com aquela cabecinha brilhando e gostei. Fiquei raspando a minha também. Aí apelidaram e pegou. Hoje, só me conhecem por Ronaldinha”.

44 tem precisão. O cara que é verdadeiro ganha uma nota preta. Não tem porquê estar se sujando e sujando a imagem da Câmara, que é

“Morava só eu e Deus lá na Maravilha”

a casa do povo. É ali onde a gente vai reivindicar nossos direitos.

Ronaldinha tem mesmo jeito para a vida pública. A conversa é tranquila, quase inocente, mas as palavras saem da boca mais parecendo um discurso. E não o faz por exercício de demagogia ou treinamento politiquero. Ronaldinha aprendeu com o tempo e com os apuros que é lutando que se consegue, e o discurso, percebe-se bem, não é pronto, mas adquirido.

Afinal, as dificuldades aparecem desde que nasceu. Quando pergunto quem é o casal pintado e pendurado na parede do quarto, ela explica:

— Esses aí são os meus pais, os que me criaram. Eu fui adotada. Não conheci pai nem mãe. Eles aí me criaram desde bebezinha. Me tiraram do hospital, me botaram pra aprender, pra se educar nos colégios.

— Você terminou os estudos?

— Eu fiz até a sexta série e pa-

rei. E meu sonho é ser jornalista — diz sorrindo. — Eu tenho uma cabeça pra fazer uma redação! Não tem quem me tire de letra na redação. Eu escrevo bem. Depois eu vou te mostrar uma carta que eu escrevi. Espera aí — corre para procurar o papel numa montanha de caixas e pastas no canto da sala.

— Eu quero ver, mesmo — falo na maior sinceridade.

Na adolescência, os estudos foram dando lugar ao trabalho, que logo aos 14 anos teve de ser priorizado. Já trabalhou com todo tipo de matéria prima, em todo tipo de lugar, até que, em certa época, nem Ronaldinha consegue lembrar com exatidão em que ano aconteceu, a depressão chegou avassaladora, trazendo consigo o consumo excessivo de álcool.

— Eu tava desempregada, desenganada da vida, desesperada. Morava só eu e Deus lá na Maravilha. Porque eu tinha um filho, mas ele foi morar no Colégio Piarmarta. Eu vivia passando fome. Eu estava querendo era me desfazer do menino porque eu estava num desespero só. Naquela época que eu morava na beira do canal eu cheguei a passar tanta fome, que eu não gosto nem de falar, ó, cara.

Tanto que parou. Não pôde mais falar. A voz grossa e imponente foi perdendo o vigor natural, foi se amiudando devagarinho até desaparecer completamente, afogada que estava nas lágrimas instantaneamente cobertas pelas mãos negras.

Não lembro ao certo se o silêncio durou segundos ou minutos. Provavelmente segundos para o nosso tempo costumeiro, mas minutos, talvez horas, para o tempo de quem chora apenas no lembrar.

No tempo do choro, Ronaldinha não tinha para onde correr, nem ninguém que a socorresse. O álcool foi um destino quase inelutável.

— Era uma bebedeira sem fim — diz ela.

— Então foi nessa época que a senhora começou a catar reciclável? Por que estava desempregada, precisando de dinheiro?

— Foi. É uma história tão interessante. Eu vi uns alunos entrar dentro da nossa favela atrás de pegar essas garrafas PET. Eu em pé, na porta lá de casa, no meu barraco, vendo aquilo ali. Fiquei curiosa. Os meninos limpando as ruas, limpando o canal. Aí eu pensei: quer saber de uma coisa? Eu vou entrar nessa aí.

E entrou para nunca mais sair.

O Centro Educacional da Juventude Padre João Piarmarta tem como vocação acolher e educar crianças em situação de risco. O filho de Ronaldinha, Leandro, foi criado no colégio até os 14 anos. Hoje tem 20 anos e, para orgulho da mãe, trabalha de carteira assinada e ajuda nas despesas da casa.

No início, não tinha carroça. Catava tudo com um saco enorme nas costas, juntando garrafa PET e papelão e vendendo tudo para um deposeiro próximo.

— Aí a situação foi melhorando, né, Ronaldinha?

— Só que eu pegava aquele trocado e corria para a bodega. Eu não comprava o que comer, não. Eu corria era para a bebida.

— O que é que você tomava?

— Só cachaça. Eu queria era morrer de beber cachaça.

Ainda bem que quanto mais trabalhava na catação, mais se interessava pela reciclagem. Parece que a atenção pelo trabalho, e a dedicação que passou a empregar naquilo, foi substituindo, na cabe-

46 ça de Ronaldinha, a necessidade de beber.

— Eu fui me libertando até que, graças a Deus, Jesus é bom e maravilhoso, eu saí daquela vida. Onde Deus bota a mão, rapaz, você pedindo com fé... — pausa para levantar as mãos para o céu — Eu sei que Deus existe, porque, pelas besteiras que eu já fiz na vida, se eu não acreditasse nele, eu tinha me integrado totalmente ao álcool e não teria nenhum teto para morar.

Ronaldinha lembra do quanto rogava pelo dia em que sairia da beira do canal:

— Porque a água dentro de casa dava aqui no pescoço. Eu nadando com cobra, com rato, com barata. Gritava de dentro do barraco quando via a água subindo. E eu dizia nessas horas: eu tenho fé em Deus que um dia eu saio daqui.

Eu ficava lá de cima só olhando as coisas boiando

O barraco na Maravilha era todo de madeira. Cada tábuia levantada passou pelas costas largas e debilitadas de Ronaldinha, que hoje, não só por isso, mas por todo esforço diário de catadora e pela obesidade, sofre de fortes dores de coluna.

Havia dois compartimentos no barraco. Dois andares, para ser mais exato.

Em baixo, o chão de areia provocava mais lama do que pavimento. Era tudo muito pequeno e vazio. Não havia cozinha. Sem botijão de gás, a lenha é quem se encarregava das refeições. No canto, um banheiro sem cara nem acessórios para tanto, já que era desprovido de encanamentos — Ronaldinha precisava pegar água com um balde onde fosse para, enfim, tomar um banho — e de vaso sanitário, restringindo a descrição do banheiro como um aposento fechado por porta. Nada mais.

— Mas, se o banheiro não tinha privada, a senhora fazia onde?

— Lá mesmo, dentro do banheiro. Rebolava tudo dentro do canal. Era assim. A situação da gente era precária.

Em cima, o cômodo foi feito para servir de cama e abrigo. Dependendo da chuva, o canal se agigantava e a água invadia o barraco. Era preciso dormir numa altura onde não fosse possível acordar no meio da madrugada sendo coberta por esgoto.

— Quando a água subia, eu ficava lá de cima só olhando as coisas boiando — diz ela antes de



Foi Ronaldinha quem construiu o antigo barraco na comunidade Maravilha

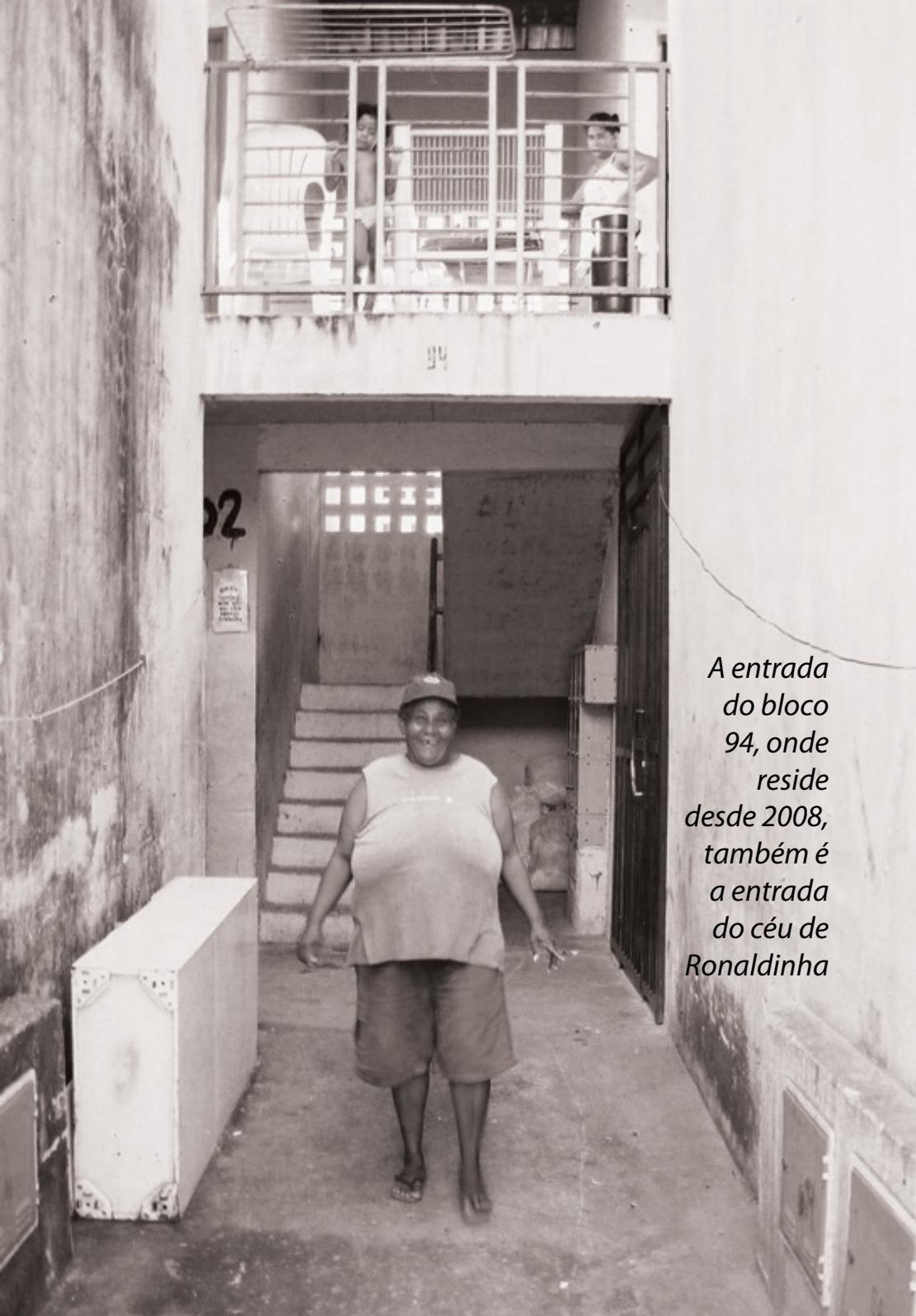
revelar outra preocupação — E eu saía correndo toda vez que eu via cururu. Eu tenho um medo medonho de cururu.

Outro medo de Ronaldinha era que o barraco se incendiasse por problemas de eletricidade, um risco que toda a comunidade Maravilha corria. Num método conhecido popularmente como “gato”, os moradores puxavam a energia dos postes a partir de fios tão ilegais quanto desprotegidos. A madeira empregada na construção das moradias, somada aos materiais recicláveis estocados pelos inúmeros catadores da comunida-

de, era combustível farto para um incêndio de grandes proporções.

Mas, hoje, Ronaldinha diz que mora no céu, e não é porque mora no Planalto de nome Universo. É que agora ela tem a segurança dos tijolos e o prazer de ter um endereço todo completo: rua, bloco, apartamento, código postal. Mora no andar de cima por uma aleatoriedade: não é porque foge de alagamentos ou sapos cururus.

No céu de Ronaldinha tem água limpa jorrando da torneira sempre que ela necessita. Não precisa mais de balde. Não precisa nem andar. A cozinha é toda caprichosa. Além



A entrada do bloco 94, onde reside desde 2008, também é a entrada do céu de Ronaldinha

da cerâmica na parede, logo acima da pia, o fogão e o gás embelezam o cômodo e dispensam a antiga lenha — eletrodomésticos, aliás, ela não possuía nenhum na época do canal.

O banheiro é grande, todo na cerâmica. Não é óbvio para a moradora que ali tenha chuveiro, pia, aparelho sanitário. Tudo é um luxo dadas as circunstâncias do passado no canal.

— Olha, não repara na bagunça, não, que eu estou tão cansada que não tive tempo de arrumar nada.

É o que eu escuto ao entrar no quarto da dona da casa. Mas não foram as roupas sobre a cama que me chamaram a atenção. O que impressionou foi a quantidade de aparelhos elétricos estocados nos cantos do cômodo. Tem ventilador, televisor, secador de cabelo e aparelho de DVD, vários de cada.

— Isso aí é que eu ganho de doação. É tudo quebrado, aí eu ajeito e vendo. Eu aprendo a montar e desmontar qualquer coisa, qualquer máquina. Se eu passar uma semana contigo fazendo alguma coisa, eu aprendo. É desse jeito. Eu tenho a cabeça boa para as coisas.

A sala também é toda equipa-

da. Com exceção do aparelho de DVD, que o filho comprou, o resto é tudo reciclado. Misturam-se os reciclados com os recicláveis, porque Ronaldinha mantém na sala

“Aí os moradores começaram a guerra com nós. E lá se vai a confusão”

o material que alguns moradores doam fora do horário de trabalho. Ela junta tudo e leva para o galpão de reciclagem no outro dia.

No início do conjunto habitacional, os catadores assim faziam. Estocavam montanhas de recicláveis dentro de casa e fora dela. Era plástico, pedaço de papelão, latinha, tudo que fosse reciclável preenchia os cômodos das casas e, muito comumente, invadia os corredores dos blocos e as escadas também.

— Aí os moradores começaram a guerra com nós. E lá se vai a confusão.

— Guerra? Por quê?

— Porque os moradores se sentiam prejudicados por causa do material nas casas. Nossas casas é que eram os depósitos. Eu passei muito tempo juntando o material dentro de casa. Eu botava coisa até

“Tem catador que não quer dividir. Em associação, é tudo dividido. Todo mundo tem que trabalhar em favor do coletivo”

mais ou menos esse armador aqui. Afastava um pouquinho e dormia aqui dentro, junto com as coisas. Só faltava morrer com o cheiro de comida azeda!

As relações ficaram delicadas na vizinhança. As várias casas-depósitos espalhadas no Planalto Universo atraíram ratos, baratas e mosquitos. A população começou a reclamar dos catadores. Dessa guerra, surgiu uma difícil batalha: a construção de um galpão de reciclagem para que os catadores pudessem se organizar na comunidade e estocar o material coletado.

Ronaldinha, com o apoio de pessoas ligadas à causa dos catadores, insistiu junto à Prefeitura de Fortaleza pela construção de um galpão de reciclagem no Planalto Universo. Era a solução para os conflitos entre os moradores do conjunto e para a falta de perspectiva dos catadores da região. Foram inúmeras reuniões e telefonemas até a construção do galpão em 2010. Tendo sido depredado logo que entregue, o galpão só pôde ser inaugurado no dia 08 de maio de 2011. O espaço também é sede da Associação Maravilha, criada pelos catadores algum tempo antes, em junho de 2009. Os associados trabalham pela manutenção do prédio e dividem os lucros obtidos

da venda do material coletado.

— Mas ainda hoje tem gente que reclama dos catadores. Porque tem catador aqui que não quer trabalhar no galpão, aí prefere botar o material dentro de casa.

Ronaldinha é presidente da associação desde a fundação. O trabalho é oneroso, mas a catadora vive integralmente para a função. Mesmo que saia de casa só para comprar uma miudeza na mercearia da esquina, tenta convencer um cristão que for da importância de reciclar e de salvar o planeta.

Mais difícil é convencer catador a fazer parte da associação.

— Tem catador que não quer dividir. Em associação, é tudo dividido. Todo mundo tem que trabalhar em favor do coletivo. Tem catador que quer trabalhar do jeito que quer, na hora que quer.

Catador associado tem horário para entrar e sair do galpão, cumpre regras de convivência e participa de várias reuniões. Os próprios associados não gostam de reuniões, para a frustração da presidenta:

— Eles não gostam de reunião. Mas toda associação precisa de reunião, pra gente discutir os problemas de dentro do setor onde a

gente trabalha, o que está certo e o que está errado.

Diante das dificuldades, a assiduidade diminui entre os catadores. Dos 19 cadastrados como associados, apenas nove trabalham com frequência regular. Todos devem participar da triagem diária dos recicláveis. A divisão dos lucros acontece quinzenalmente e é feita de forma igualitária. Só recebe quem está trabalhando. Fica reservado para a manutenção do galpão 10% do que cada catador recebe.

“Nós estamos conseguindo vencer e vamos vencer”

— E Ronaldinha, por que a senhora acha que escolheram a senhora para presidir a associação?

— Porque eu sei entrar em contato com as pessoas, negociar, comercializar — responde com segurança. — Eu sou menos inibida. Eu chego, converso com as pessoas divulgando o trabalho dos catadores. Faço parcerias... É assim. É uma luta diária.

— E o que é mais difícil nessa luta diária?

— Trabalhar com o ser humano é um bocado difícil, porque muitos entendem o seu lado e mui-

52 tos não entendem. Muitos apoiam e outros não. O maior obstáculo é que acontece de acharem que eu quero ser mais do que os outros. Mas a gente entrando no diálogo, na conversa... Eu chego e digo: está acontecendo isso e isso. Como é que a gente resolve? Uma associação funciona dessa maneira.

— E o que dá mais prazer?

— É ver a chegada do material pra nós separarmos e ganharmos nosso tostãozinho. Que a gente tira o sustento é daquilo ali. E é um orgulho. Nós estamos conseguindo vencer e vamos vencer.

A voz aumenta e o tom de discurso volta a preencher Ronaldinha:

— É porque muito catador não

vai porque não está botando fé no nosso trabalho. Fica só cobrando da Prefeitura, acusando. Porque muitas vezes a Prefeitura promete e não cumpre. Aí ficam desacreditados.

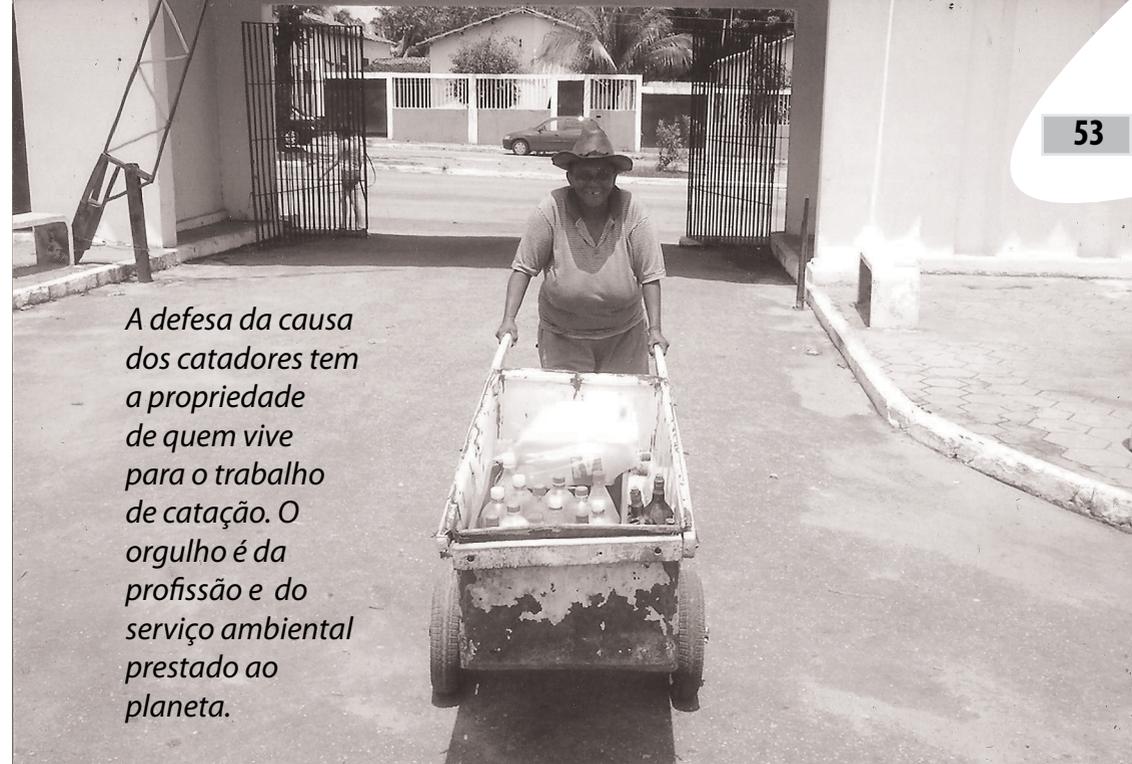
A comunidade batalha há muito tempo por um espaço sociocultural no Planalto Universo, com projetos sociais voltados para as crianças, aulas de música e cursos de capacitação.

— É todo mundo pedindo. Pedindo isso, pedindo aquilo. É uma internação, é um quebra-mola.

— Quer dizer que, além de ser líder no galpão, a senhora é líder na comunidade também?

— É. Eu faço as duas funções. Não sei nem o que é que eu faço. A

O Galpão de Reciclagem do Planalto Universo, conseguido com esforço pelos catadores do conjunto, também sedia a Associação Maravilha, nome que homenageia a área de risco onde moravam os associados.



A defesa da causa dos catadores tem a propriedade de quem vive para o trabalho de catação. O orgulho é da profissão e do serviço ambiental prestado ao planeta.

minha vontade é fazer essas coisas acontecerem.

— E no caso específico dos catadores, Ronaldinha? O que é preciso ser feito?

— Meu sonho é ver o catador trabalhando só nos galpões, sem precisar ir para a rua. O poder público tem a obrigação de realizar a coleta do material reciclável. Aí o serviço dos catadores ficaria só dentro do galpão, onde o serviço é mais decente. O que nós precisamos é trabalhar dignamente, e não ficar no meio da pista. Os carros não respeitam o nosso trabalho, não respeitam a vida da gente, o

ser humano que está ali ganhando o pão de cada dia, puxando a carroça. Tem gente que não tem a mínima consideração. Mas esse é um trabalho muito importante que nós fazemos para o mundo, para a nossa sobrevivência, para a sobrevivência da Terra.

Pelo desabafo, dá para notar que os catadores podem ter a consciência do trabalho social que empregam diariamente nas ruas e galpões. Tratam-se de pessoas exploradas pelo sistema mercantil e poder público, que se beneficiam da atividade de limpeza urbana e recolhimento de materiais reuti-



54 lizáveis, mas pouco a valorizam, pouco agem para que as condições de trabalho informal e insalubre sejam melhoradas.

É por isso que Ronaldinha faz questão de “abrir o verbo”, como ela gosta de definir a divulgação que faz de porta em porta todos os dias.

“Não caiu a ficha da sociedade o conhecimento completo de tudo o que nós fazemos”

— As pessoas discriminam porque, para elas, ainda não caiu na real a validade desse trabalho e o que nós fazemos com esse material reciclável. Não caiu a ficha da sociedade o conhecimento completo de tudo o que nós fazemos. É isso. Ainda existe discriminação por causa disso. Temos que divulgar nosso trabalho para que isso deixe de acontecer.

O peso do carrinho e das obrigações é tão grande que Ronaldinha prefere ficar deitada na rede quando chega em casa. Fica a escutar um noticiário no rádio ou na televisão na esperança de que falem do seu trabalho:

— Eu fico aqui escutando da minha rede e torcendo: torcendo para que aquele político fale do ca-

tador. Fala-se muito do meio ambiente, fauna, flora, Amazônia... Mas eu não vejo esse povo falar no catador. Eu não vejo convidar um catador para ir para um televisão dessa dar uma entrevista. Tem que pensar no outro lado. Tem catador que é doente, que vive na rua, que passa necessidade, que passa fome.

Ronaldinha também reclama da falta de direitos:

— O catador precisa do direito à aposentadoria. Mas com o dinheiro

que a gente ganha, não dá para pagar o INSS como autônomo. Eu estou donte da coluna, a ponto de me encostar. O médico já me deu foi um laudo aconselhando que eu parasse de puxar carroça. Mas eu não tenho direito nem a um auxílio-doença. Se eu parar, como é que fica?

A procura pelo Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) foi em vão. Mesmo tendo contribuído durante os tempos de carteira assinada, Ronaldinha não tem direito a auxílio-doença. Enquanto isso, as dores de coluna continuam a incomodar, principalmente no final do dia, quando o corpo se aquieta e os músculos param.

— Eu puxo a carroça e não sinto nada. Mas quando eu paro, meu

irmão, haja dor. É dor... Dor que não acaba. Eu estou em tempo de me envenenar tomando remédio de todo jeito para aliviar a dor que eu sinto.

O médico falou que o problema na coluna é sério e que, se não tiver cuidado, Ronaldinha vai ficar curvada, “cheirando o chão”. Mas sem qualquer perspectiva de auxílio financeiro, ela não pode deixar de catar. De segunda a sábado, carrega um carrinho cheio de reciclável. É assim que ela consegue comer, pagar a conta de água e de luz da tão sonhada casa, comprar remédios e tudo o mais. Não dá para parar.

Bem cedo, por volta de 7h, já sai de casa para trabalhar. Não antes de tomar uma xícara de café e fumar um cigarro. Pão só quando tem, mas o café e o cigarro sempre estreiam o dia. Vai buscar o carrinho no galpão e parte em direção aos recicláveis, de casa em casa, de porta em porta, catando e abrindo o verbo.

— Eu vou trabalhando e fazendo a divulgação. Explico os tipos de material, que é pra deixar tudo limpinho. Eles deixam na calçada bem separadinho e eu vou só jogando no carrinho. Às vezes, ligam pra mim: “Ronaldinha, estou com um material aqui”. Aí vou buscar.

ADOTE UM CATADOR

Ronaldinha ensina que a melhor forma de a população ajudar na coleta do material reciclável é realizar a coleta seletiva dentro de casa, separando o lixo doméstico do material reciclável. Bastam dois recipientes, um contendo o não reciclável e outro contendo o reciclável. Um detalhe importante é deixar o material sempre limpo. Para a coleta, o ideal é adotar um catador. Conhecendo um catador, ele pode realizar a coleta num dia e horário que melhor convir para todos. Muitos moradores chegam a ligar para Ronaldinha quando acumulam material suficiente para a coleta. Se o catador não tiver celular, é só combinar dia e hora.

Ela também diz que é melhor doar o material para um catador do que para um dono de depósito, o deposeiro, que se torna um atravessador na rede de reciclagem, diminuindo o lucro dos catadores.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A catadora esclarece que passou a entender com mais clareza o trabalho que exerce a partir das formações de educação ambiental recebidas pela Cáritas, da Igreja Católica, em parceria com a Rede de Catadores do Ceará, da qual a Associação Maravilha faz parte.

Representando a Rede de Catadores do Ceará, Ronaldinha já viajou para Belo Horizonte no intuito de participar do 6º Festival Lixo e Cidadania em 2007. A vontade política de lutar por melhores condições de trabalho fica simbolizada pela bandeira do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, sempre pronta para hasteio.

Quando o dia é proveitoso, Ronaldinha retorna lá pelo meio dia. Mas não volta para casa. Tem de ir direto para o galpão que é para separar e pesar o que catou. Quando vai sair de lá já são 16h ou 17h. É quando chega em casa para preparar o almoço e a janta ao mesmo tempo.

— E à noite? A senhora gosta de fazer o quê?

— Jornal. Sou ligada num jornal, procurando notícia de meio ambiente.

— Eu notei que, aqui no Planalto Universo, as pessoas sentam nas calçadas para conversar. A senhora não gosta de sair e conversar, não?

— Não — responde de forma enfática — Eu prefiro ficar em casa assistindo televisão. Eu também gosto de assistir filme de ação. Olha aí o que eu tenho aqui. — aponta para uma pilha de filmes. Sem variar, os títulos, realmente, são todos de ação.

— E a senhora vai dormir que horas?

— Eu vou dormir é onze horas. Final de semana é que eu não durmo de noite, que eu fico de olho no meu menino. Ele gosta de sair, aí eu fico preocupada.

Começo a me levantar. Já se passaram horas de conversa. Eu,

que escutei muito mais do que falei, já estava muito cansado. Imaginei que minha interlocutora também estivesse.

— Tu já vai embora? — pergunta Ronaldinha, espantada.

— Eu vou. Está ficando tarde e eu já devo estar atrapalhando a senhora.

— Tá não! — faz questão de esclarecer — Eu tô é gostando de conversar mais tu. Fica mais um pouco, cara.

A conversa estava muito agradável, Ronaldinha, pode ter certeza. Voltarei para uma outra muito em breve. •



Da coleção de Ronaldinha: boné do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis.



Catadora da Associação Maravilha trabalhando no galpão. Catador usando luvas só é comum nas associações.



Detalhe da casa de Ronaldinha. Hoje, tem pia, fogão e geladeira.

Este livro, projetado pelo mesmo autor, foi composto em tons de preto 30% e 100%, tipologias Myriad e Minion e impresso em papel reciclado 75 g/m².

Com exceção das fotos das páginas 47 e 53, do acervo pessoal de Maria de Fátima Albuquerque, as fotos aqui presentes, incluindo a capa, foram reveladas em filme ISO 200 com o auxílio da companheira Nikon N50, que, apesar da idade, nunca deixou o autor sem registros.

Fortaleza, Ceará, dias agradáveis de julho de 2012.



Catando Histórias reúne quatro catadores de materiais recicláveis em três perfis jornalísticos. Sob o olhar humanizado e participativo no contato com os personagens, as reportagens ganham variações narrativas, diálogos e vastas impressões.